



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

INVESTIGANDO A SEMIPRODUTIVIDADE CONSTRUCIONAL:
o caso da Construção Circunstancial de Adjetivo Adverbializado do português brasileiro

Victor Tadeu Antas Virginio

Rio de Janeiro

2016

VICTOR TADEU ANTAS VIRGINIO

INVESTIGANDO A SEMIPRODUTIVIDADE CONSTRUCIONAL:
o caso da Construção Circunstancial de Adjetivo Adverbializado do português brasileiro

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Letras na habilitação
Português/Inglês.

Orientador: Professor Doutor Diogo Oliveira Ramires Pinheiro

Rio de Janeiro

2016

Virginio, Victor Tadeu Antas.

Investigando a semiprodutividade construcional: o caso da Construção Circunstancial de Adjetivo Adverbializado do português brasileiro/Victor Virginio. – 2016.
39 f.

Orientador: Diogo Pinheiro.

Monografia (graduação em Letras habilitação Português – Inglês) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 36-37.

1. Produtividade construcional . 2. Adjetivo adverbializado. I Virginio/ Victor II - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, (2016) III . Investigando a semiprodutividade construcional: o caso da Construção Circunstancial de Adjetivo Adverbializado do português brasileiro.

CDD(dado
fornecido pela biblioteca)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	9
2.1. Gramática de Construções: visão geral.....	9
2.2. Gramática de Construções Baseada no Uso e a questão da criatividade linguística	10
2.3. A criatividade linguística em uma perspectiva construcionista	10
2.4. Conhecimento gramatical e conhecimento estatístico	11
3. OBJETO, OBJETIVO E HIPÓTESES	12
3.1. Objeto e objetivo	12
3.2. Hipóteses	13
3.2.1. Conhecimento gramatical: estrutura informacional da CCAA	13
3.2.2. Conhecimento estatístico: a experiência de uso	14
4. REVISÃO DA LITERATURA	15
4.1. Hipótese da propriedade nominal.....	15
4.2. Hipótese do contexto informal	16
4.3. Hipótese da intransitividade	17
5. METODOLOGIA	19
5.1. A metodologia experimental	19
5.2. O desenho experimental	20
5.2.1. Estímulos	20
5.2.2. Divisão inter-sujeitos e quadrado latino	22
5.2.3. Uso de <i>corpora</i>	23
5.2.3. Grupo controle.....	24
5.3. Tratamento estatístico	25
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO	27
6.1. Primeira previsão: instanciações da CCAA com foco exclusivo serão significativamente mais bem avaliadas	27
6.2. Segunda previsão: não haverá diferença significativa na aceitabilidade de sentenças com modificação verbal em –mente em relação à estrutura informacional	29
6.3. Terceira previsão: sentenças com instanciações mais frequentes serão significativamente mais bem avaliadas	30

6.4. Quarta previsão: a aceitabilidade das instanciações de alta frequência não variará de modo significativo	31
6.5. Discussão	33
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37
9. APÊNDICE	39

1. INTRODUÇÃO

Desde a emergência do paradigma gerativista (CHOMSKY, 1957), o problema da criatividade linguística foi alçado à condição de questão teórica central da linguística hegemônica. Apesar disso, a Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU; LANGACKER, 1987; 1991; GOLDBERG, 1995; 2006; 2013; CROFT, 2001; 2013; BYBEE, 2010; 2013; DIESSEL, 2015) – quadro teórico a que se alinha esta monografia – é marcada por uma negligência histórica a esse problema. Nesse sentido, faz-se pertinente a crítica de que a GCBU, mesmo que admita abertamente a necessidade de explicar a capacidade criativa da linguagem humana, não desenvolveu historicamente um tratamento sistemático para lidar com o problema (BOAS, 2013).

Essa situação, no entanto, começa a mudar timidamente a partir da década de 2000, quando passam a ganhar força os estudos construcionistas que buscam responder à seguinte pergunta: como explicar, sob a ótica da GCBU, o fato de que o falante é capaz de produzir enunciados inéditos ao mesmo tempo em que rejeita os enunciados impossíveis? Com esse foco, esses trabalhos (BOYD; GOLDBERG, 2011; SUTTLE; GOLDBERG, 2011; AMBRIDGE; LIEVEN, 2011; ZESCHEL, 2012; BLYTHING; AMBRIDGE; LIEVEN, 2014) reposicionam a questão da criatividade linguística no interior da linguística funcional-cognitiva, ao mesmo tempo em que a reenquadram como um problema de (semi)produtividade construcional: trata-se de compreender por que a maior parte das construções gramaticais¹ pode ser estendida para certos usos inéditos, mas não para *qualquer* uso inédito.

Para investigar essa questão, o estudo descrito nesta monografia ocupou-se de uma construção gramatical específica do português brasileiro, a que estamos nos referindo como Construção Circunstancial de Adjetivo Adverbializado (CCAA). Trata-se de um padrão sintático-semântico com a estrutura VERBO + ADJETIVO ADVERBIALIZADO, como em “jogar limpo” e “investir alto”. Como mostram os exemplos abaixo, a CCAA se apresenta como um padrão semiprodutivo.

- (1) a. O atacante chutou forte, mas errou o gol.
- b. A Maria subiu no palanque e falou bonito.
- c. ??O professor argumentou estatístico em favor de sua hipótese.

¹ O conceito de construção gramatical, unidade de análise fundamental na Gramática de Construções, será apresentado no capítulo 2 (“Pressupostos teóricos”).

Dado que as sequências sublinhadas em (1a) e (1b) são possíveis, pode parecer arbitrário que a sequência destacada em (1c) não o seja. Por essa razão, levanta-se a seguinte questão: como caracterizar o conhecimento linguístico do falante de modo a explicar a possibilidade de (1a) e (1b) e, ao mesmo tempo, o estranhamento causado por (1c)?

É interessante notar que, sob uma perspectiva construcionista, essa pergunta pode ser reformulada nos seguintes termos: visto que a produção de um enunciado concreto resulta da combinação entre diferentes construções gramaticais, como explicar o fato de que algumas combinações são possíveis, ao passo que outras resultam em enunciados mal-formados? No âmbito da GCBU, a resposta que tem sido delineada para essa pergunta (AMBRIDGE; LIEVEN, 2015; AMBRIDGE; ROWLAND; PINE, 2012; BOYD; GOLDBERG, 2011; dentre outros) envolve a referência a dois tipos de conhecimento: de natureza gramatical (abarcando os conhecimentos fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático) e de natureza estatística².

No próximo capítulo, trataremos dos pressupostos teóricos que norteiam a discussão do tema e a análise dos dados. Em seguida, no capítulo 3, trataremos com maior precisão do objeto deste estudo, assim como os objetivos e hipóteses com as quais trabalharemos. No capítulo 4 revisaremos e resenharemos a literatura acerca da CCAA do português brasileiro. No capítulo 5 apresentaremos a metodologia do estudo. Os resultados obtidos serão analisados e discutidos no capítulo 6. Por último, o capítulo 7 apresenta as considerações finais.

² Este ponto será retomado e desenvolvido no capítulo 2 (“Pressupostos teóricos”).

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, serão apresentados os princípios teóricos que norteiam este estudo. Serão introduzidos, na primeira parte, os pressupostos da Gramática de Construções, quadro teórico em que esta pesquisa está inserida. Na sequência, serão expostos os conceitos de produtividade construcional, conhecimento gramatical e conhecimento estatístico.

2.1. Gramática de Construções: visão geral

Surgida na década de 1980, a Gramática de Construções (GC) emerge a partir de uma crítica à concepção de conhecimento linguístico consagrado pela tradição gerativa, segundo a qual este se divide em um componente lexical e um componente gramatical. No lugar desse modelo, percebido como inapropriado para lidar com padrões gramaticais simultaneamente idiomáticos e produtivos (CROFT; CRUSE, 2004; EVANS; GREEN, 2006), propõe-se uma concepção alternativa de conhecimento linguístico, em que este é descrito como um vasto inventário estruturado de unidades simbólicas (FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988; CROFT; CRUSE, 2004).

Batizadas como *construções gramaticais*, essas unidades são simbólicas precisamente porque consistem em pareamentos convencionais de informações de forma (fonológica, prosódica, morfológica e/ou sintática) e significado (incluindo-se aspectos semânticos, pragmáticos, discursivos e funcionais). Temos, por conseguinte, uma construção gramatical na palavra *bola*, por exemplo, uma vez que ela apresenta uma forma (no caso, a sequência de fonemas) e um significado (o conhecimento enciclopédico relativo a ela³). Da mesma forma, temos uma construção gramatical na estrutura sintática bitransitiva (S V OD OI – por exemplo: *João deu uma flor para Maria*), visto que esta apresenta uma forma (neste caso, uma estrutura sintática) e um significado inerente (transferência de posse). Apesar da diferença evidente entre as duas construções, entende-se que elas não apresentam diferenças qualitativas, variando apenas quanto ao grau de preenchimento e grau de complexidade estrutural interna (“bola” é inteiramente preenchida e estruturalmente simples, enquanto a construção bitransitiva é inteiramente não-preenchida e estruturalmente complexa).

Sob esse ponto de vista, é possível conceber o conhecimento linguístico como um amplo inventário de construções gramaticais, desde as mais fixas e concretas (como *bola*) até as mais abstratas e abertas (como S V OD OI), passando por padrões morfológicos (N-eiro, N-

³ A natureza enciclopédica do significado é uma premissa adotada pela grande maioria dos pesquisadores em GC – ver, por exemplo, Langacker (1987; 1991).

nte, etc), expressões idiomáticas fixas (*chutar o balde, bater as botas, etc*) e expressões idiomáticas semifixas (*dar uma X-ada; que mané X, etc*).

Ao mesmo tempo, não se assume que o conhecimento linguístico constitua um inventário não-estruturado. Pelo contrário: considera-se que as construções gramaticais compõem uma vasta rede de unidades interconectadas, por meio de associações formais e/ou semânticas (GOLDBERG, 2003; AMBRIDGE; LIEVEN, 2015). Por exemplo, estudos sobre as construções X-ista (CARMO, 2005) e X-nte (SANTOS, 2005) mostram que essas construções interagem entre si e compartilham, em relação ao significado, a referência a uma cena encriptizada de ação, bem como a característica agentiva (SANTOS, 2005). Por essa razão, assume-se que essas construções estão mutuamente vinculadas⁴.

2.2. Gramática de Construções Baseada no Uso e a questão da criatividade linguística

A GCBU é a vertente da Gramática de Construções que, por se alinhar à tradição da linguística funcional-cognitiva, enfatiza a centralidade da experiência linguística do falante na representação do conhecimento linguístico, ao mesmo tempo em que incorpora processos e mecanismos da chamada “cognição geral”. No campo dos estudos construcionistas, a GCBU se opõe à Gramática de Construções Unificacionista (FILLMORE, 2013), modelo de inclinação formalista.

Até recentemente, uma das principais lacunas da GCBU consistia na ausência de um tratamento sistemático para o problema da criatividade linguística, central à tradição gerativa e também à tradição unificacionista em GC. No entanto, conforme observamos no capítulo introdutório, essa situação tem se modificado nos últimos anos.

2.3. A criatividade linguística em uma perspectiva construcionista

Um conjunto crescente de trabalhos (BOYD; GOLDBERG, 2011; SUTTLE; GOLDBERG, 2011; AMBRIDGE; LIEVEN, 2011; ZESCHEL, 2012; BLYTHING; AMBRIDGE; LIEVEN, 2014) tem levado à consolidação de alguns consensos sobre a questão da criatividade na seara construcionista. Em primeiro lugar, parece claro hoje que a questão da criatividade linguística pode ser interpretada, sob a ótica da GC, como um problema de produtividade construcional. Entendida como medida da extensibilidade de uma construção gramatical (BARDDAL, 2008), a produtividade construcional está ligada à

⁴Com efeito, a literatura construcionista já postulou diferentes tipologias de elos, ou *links*, entre construções gramaticais. Para uma comparação entre diferentes propostas, ver Croft e Cruse (2004); para uma interessante síntese recente, ver Diessel (2015).

capacidade de uma dada construção em aceitar a instanciação de novas construções (tipicamente, palavras). Assim, subjacente à questão da criatividade, está o problema da produtividade construcional: por que certas combinações entre construções são possíveis, ao passo que outras combinações são bloqueadas?

Atualmente, assume-se que a resposta a essas questões envolve a referência a dois tipos de conhecimento: conhecimento gramatical e conhecimento estatístico (BOYD; GOLDBERG, 2011; SUTTLE; GOLDBERG, 2011; AMBRIDGE; LIEVEN, 2011; ZESCHEL, 2012; BLYTHING; AMBRIDGE; LIEVEN, 2014).

2.4. Conhecimento gramatical e conhecimento estatístico

O conhecimento gramatical, que dá conta das restrições impostas por fatores fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos, vincula-se diretamente à questão da compatibilidade de traços gramaticais entre as construções a serem integradas. Sob essa perspectiva, uma sentença será bem-formada sempre que as construções subjacentes a ela forem formal e semanticamente compatíveis. É isso que explica, por exemplo, a possibilidade de uma sentença como *I invited him into the room* e, ao mesmo tempo, a má-formação de *I begged him into the room*: como a construção abstrata subjacente exige que o evento representado seja construído como natural ou esperado, um verbo como *beg*, que pressupõe a não-naturalidade do deslocamento, não pode ser adequadamente instanciado (GOLDBERG, 1995).

Adicionalmente, a GCBU assume ainda que o falante conta com um conhecimento de natureza estatística, relativo ao registro da sua experiência linguística concreta. Esse conhecimento inclui o armazenamento da frequência da ocorrência de um item (*token frequency*) bem como do conjunto de itens que ocorrem em determinada construção (*type frequency*) (BYBEE, 2010; 2013; DIESSEL, 2015). O registro desse tipo de informação permite que se postule a existência de dois processos que, alegadamente, contribuem para minimizar a produtividade de uma construção: o conservadorismo por enraizamento (“entrenchment”) e o bloqueio estatístico (GOLDBERG, 2006; BOYD; GOLDBERG, 2011; AMBRIDGE; ROWLAND; PINE, 2012). O primeiro prevê que o falante tende a rejeitar combinações pouco frequentes entre item concreto e construção abstrata, assumindo, portanto, um comportamento claramente conservador. O segundo prevê que o falante tenderá a evitar um determinado item A numa construção abstrata X caso ele experiencie, sistematicamente, esse mesmo item A em uma construção *funcionalmente equivalente* Y.

3. OBJETO, OBJETIVO E HIPÓTESES

3.1. Objeto e objetivo

Considerando o conhecimento linguístico como uma rede interconectada de construções gramaticais, temos que estas unidades simbólicas, pareamentos convencionais de forma e sentido, constituem a unidade de análise. Nessa perspectiva, a princípio não poderíamos cometer o erro de considerar todo e qualquer uso de um adjetivo adverbializado – ou seja, forma adjetival e função de modificação verbal – como instanciações da mesma construção. Isso se deve ao fato de que nem todos os usos de um adjetivo adverbializado têm o mesmo significado ou função, como é possível verificar nos exemplos abaixo:

(4) O time jogou fácil.

(5) Se me convidarem pra essa festa eu you fácil.

Enquanto (4) traz um exemplo de uso circunstancial⁵, com o modificador predicando do ato de jogar e a maneira como esse ato se deu, (5) traz um exemplo de um uso modalizador, revelando a postura epistêmica do falante em relação ao que é descrito. No caso de (5), portanto, a sentença não implica a facilidade no deslocamento até a festa, e sim a ausência de dúvida por parte do locutor em relação à aceitação de um possível convite (de maneira que o adjetivo adverbializado equivale a algo como “certamente” ou “seguramente”). Chamaremos esta construção, para fins de exposição (em oposição à CCAA), de Construção Modalizadora de Adjetivo Adverbializado (CMAA). As duas assemelham-se em certo grau no que diz respeito à forma. No entanto, diferenciam-se quanto ao polo do sentido e, aparentemente, também quanto à produtividade. Se, de um lado, a CCAA apresenta frequências de *type* e *token* altas, de outro, a CMAA não mostra o mesmo. Em outras palavras, enquanto a CCAA é instanciada por muitos verbos diferentes e muitos deles com uma frequência alta (o que dá conta das frequências *type* e *token*, respectivamente), a CMAA se mostra mais limitada para ambos os casos.

⁵ Apesar de o termo “circunstancial” ser usado de modo pervasivo nesta monografia, uma melhor definição do que seria exatamente esse valor circunstancial parece ser necessária.

CCAA	CMAA
O time deles jogou tranquilo.	Se você precisar que eu vá, é só me chamar que eu vou tranquilo.
Valor circunstancial	Função modalizadora
Maior produtividade (maior frequência de tipo)	Menor produtividade (menor frequência de tipo)

Tabela 1 – Delimitação do objeto: comparação entre CCAA e CMAA

Tendo estabelecido a existência de duas construções gramaticais distintas com a mesma forma (verbo + adjetivo adverbializado), este trabalho se ocupa unicamente da CCAA, isto é, o padrão formal VERBO + ADJETIVO ADVERBIAL que apresenta semântica circunstancial (e não função modalizadora). Para além disso, em relação a essa construção, o trabalho se volta para o objetivo geral de compreender os fatores que caracterizam a CCAA de modo a restringir a sua produtividade. Com esse intuito serão investigadas algumas hipóteses, tanto em relação ao conhecimento gramatical, quanto em relação ao conhecimento estatístico.

3.2. Hipóteses

Como apontado anteriormente, este trabalho propõe-se a estudar (i) um aspecto que compõe o conhecimento gramatical subjacente à CCAA, a saber, sua estrutura informacional e (ii) o impacto da experiência concreta de uso na representação mental da construção.

3.2.1. Conhecimento gramatical: estrutura informacional da CCAA

Um dos objetivos desta pesquisa é investigar em que medida a CCAA é sensível à organização do foco informacional do enunciado (LAMBRECHT, 1994). Especificamente, assumimos como hipótese de trabalho que a CCAA exibe uma restrição pragmática segundo a qual o foco informacional deve recair unicamente sobre a sequência VERBO + ADJETIVO ADVERBIALIZADO. Caso essa restrição se mostre verdadeira, teremos que uma instância da CCAA será inaceitável (ou menos aceitável) caso algum outro constituinte compartilhe com a sequência VERBO + ADJETIVO ADVERBIALIZADO o foco informacional.

Observemos a oposição em (6), (7) e (8):

(6) Ela subiu no palanque e falou lindo.

(7) O time não jogou bonito, jogou lindo.

(8) Ela subiu no palanque e falou lindo sobre a situação econômica atual.

Se em (6) e (7) o foco informacional recai de modo predominante sobre o adjetivo adverbializado, em (8) o foco é dividido entre o adjetivo adverbializado e o complemento do verbo – o fato sobre o qual se falou. A hipótese que testaremos é a de que uma instanciiação da CCAA será mais bem aceita se o adjetivo adverbializado receber o papel de foco na proposição.

Ao mesmo tempo, assumimos, como hipótese de trabalho, que a mesma diferença *não* se verifica em relação à estratégia canônica de modificação verbal (com advérbio em –mente). De acordo com essa segunda hipótese, portanto, se em (6), (7) e (8) o AA “lindo” fosse substituído pelo advérbio canônico “lindamente”, a diferença de aceitabilidade entre as duas sentenças desapareceria.

3.2.2. Conhecimento estatístico: a experiência de uso

Como apresentado no capítulo 2, uma perspectiva baseada no uso implica o princípio de que o conhecimento linguístico do falante sofre constantes mudanças por influência da experiência linguística concreta. Diante disso, um dos objetivos deste trabalho é avaliar o impacto dessa experiência concreta na representação mental da CCAA.

Em particular, objetivamos verificar as seguintes hipóteses: (i) a frequência de uso de determinado item como adjetivo adverbializado está correlacionada positivamente à sua aceitabilidade na CCAA; e (ii) itens particularmente frequentes como adjetivos adverbializados se tornam insensíveis à restrição pragmática mencionadas na seção anterior. A primeira hipótese advém da sugestão, presente na literatura da tradição funcional-cognitiva em linguística (BYBEE, 2010), de que a aceitabilidade/gramaticalidade é função da familiaridade das sequências linguísticas avaliadas. A segunda hipótese advém da ideia de que sequências muito frequentes adquirem autonomia em relação às construções mais gerais às quais estão vinculadas, deixando assim de exibir determinadas restrições gramaticais (BYBEE, 2010).

4. REVISÃO DA LITERATURA

Esta seção tem por objetivo apresentar um breve resumo das hipóteses já sugeridas a fim de explicar a distribuição aparentemente idiossincrática dos adjetivos adverbializados no português do Brasil. Ao reportá-las, tentaremos mostrar por que novas investigações acerca deste objeto ainda parecem necessárias.

4.1. Hipótese da propriedade nominal

Lobato (2008) defende que o que vem sendo aqui chamado de adjetivo adverbializado (AA) é, na realidade, um adjetivo, predicando de propriedade nominal e não de propriedade verbal. Isso se deve, segundo a pesquisadora, à existência de uma “propriedade nominal não manifesta como informação integrante da estrutura léxico-conceitual do verbo” (p.225) ou de “um ato verbal descrito pelo verbo” (p. 226)⁶. Vejamos os exemplos a seguir (LOBATO, 2008):

- (9) a. Ela fala alto/baixo.
b. *Ele fala altamente/baixamente.
- (10) a. Ela leu bonito esse trecho.
b. *Ela leu bonitamente esse trecho.
- (11) a. Ela anda ligeiro.
b. *Ela anda ligeiramente.
- (12) a. Ela come escondido.
b. *Ela come escondidamente.

A autora defende que, em (9) a (12), a modificação adjetival se dá sobre uma propriedade nominal que, embora não seja realizada, está presente na estrutura léxico-conceitual do verbo. Observem-se, a título de exemplo, as sentenças em (9): como justificar a gramaticalidade de (9a) e a agramaticalidade de (9b)? Para Lobato, isso é explicado a partir de uma propriedade nominal não manifesta existente na estrutura léxico-conceitual do verbo

⁶ Lobato (2008) considera os atos verbais (por exemplo, o fazer, o falar, o correr) como propriedades categoricamente nominais.

“falar”: a voz. Assim, o que é alto/baixo é a voz⁷. É essa propriedade nominal que tornaria o verbo “falar” passível de modificação adjetival.

A mesma explicação é aplicada a (10). Ou seja, o sujeito fala (ou lê) e sua voz, produto da fala ou da leitura, é bonita. Em (11), a propriedade nominal não-manifesta modificada pelo adjetivo é o passo, presente na estrutura léxico-conceitual do verbo “andar”. Em (12), a situação é semelhante, ainda que não idêntica: aqui, entende-se que o comer (ato verbal depreendido a partir do verbo) é escondido (p. 226).

Esses argumentos, contudo, esbarram em pelo menos uma dificuldade, qual seja, o risco de supergeneralização: ao se postular a existência de uma propriedade nominal não manifesta e creditar a ela a modificação por um termo adjetival, torna-se difícil explicar a agramaticalidade de um exemplo como (13). Afinal, pode-se sustentar que o verbo “argumentar” teria uma propriedade nominal não manifesta (i.e., argumento), que poderia então ser modificada pelo adjetivo “estatístico”. Isso, contudo, não se verifica⁸:

(13) ???A professora argumentou estatístico.

Como se vê, a sentença acima parece mal-formada, apesar da possibilidade de se postular em (13) uma propriedade nominal não-manifesta, a exemplo do que propõe Lobato (2008) para (9) a (12). A mesma dificuldade parece se estender ainda para diversos outros itens com forma adjetival, aí incluídos todos aqueles que dão origem aos chamados advérbios delimitadores, como “histórico” (> “historicamente”) e “profissional” (> “profissionalmente”), dentre muitos outros.

4.2. Hipótese do contexto informal

Hummel (2003) identifica o registro linguístico (formal ou informal) como fator determinante para o uso do AA: em particular, o emprego de AAs seria favorecido em contextos informais, enquanto advérbios canônicos tenderiam a ocorrer em contextos formais. O pesquisador afirma ainda que o fenômeno da adverbialização dos adjetivos é pan-românico,

⁷ A autora argumenta que a ausência da vogal temática –a, típica de advérbios, também corrobora a classificação desses termos como adjetivos.

⁸ A mesma dificuldade pode ser observada em relação a todos os advérbios da categoria dos delimitadores – “estatisticamente”, “historicamente”, “profissionalmente”, etc. –, que não apresentam correspondentes com forma adjetival.

de maneira que esse fator extra-linguístico o influenciaria também nas demais línguas neolatinas.⁹

Ainda que essa descrição pareça pertinente, ela não nos é suficiente quando tentamos compreender por que uma sentença como (14) não é possível em contexto formal nem em contexto informal.

(14) *Meus pais viajam frequente para o litoral.

Apesar de “frequente” ser uma palavra com muitos resultados em *corpora* de registro informal, seu uso em função adverbial é virtualmente inexistente.¹⁰ Essa ausência é um forte indício de que itens adjetivais não são automaticamente licenciados em função adverbial, mesmo em contextos informais.

Além disso, vale acrescentar que Barbosa (2006) encontrou resultados diferentes dos de Hummel (2003): a partir da análise de diferentes *corpora*, a autora concluiu que, no que tange ao português do Brasil, não parece haver influência do grau de formalidade da situação no uso dos adjetivos adverbializados.

4.3. Hipótese da intransitividade

Em sua tese, Barbosa (2006) constatou que mais de 80% das ocorrências nos *corpora* estudados apresentaram duas características: posição fixa, imediatamente após o verbo, e emprego intransitivo do verbo. Para a autora, esses fatores facilitariam a cristalização e popularização de certas expressões. Contudo, ao usar esse critério para tentar responder por que certos usos não são possíveis, deparamo-nos com as mesmas barreiras já apontadas em 3.2. Em outras palavras, essa constatação ainda não é capaz de explicar por que certas combinações de verbo e adjetivo com função adverbial – mesmo quando se mantém posição fixa, imediatamente após o verbo, e o emprego intransitivo – não parecem possíveis no PB. Tomemos, desta vez, os exemplos (15) e (16).

⁹Hummel (2003) separa o que chamamos aqui de adjetivos adverbializados em diferentes grupos, de acordo com o nível de convencionalização. Essa sugestão se refere apenas ao grupo que contém os itens menos frequentes e que não contém expressões fixas.

¹⁰ As buscas anteriores ao experimento já desenvolvido foram feitas em diversos *corpora* do português brasileiro, como C-Oral, com dados de fala informal, e Corpus Brasileiro, com mais de um bilhão de palavras em textos de diversos gêneros, e não mostraram resultados da palavra “frequente”, entre outras, com função adverbial.

(15) Os amigos concluíram que precisavam pensar friamente/?? pensar frio.

(16) Ao pôr a mesa, os pais podem pedir a ajuda da criança e ir contando alto quantos objetos estão sendo colocados¹¹.

No exemplo (15), vemos uma sentença correspondente ao padrão mencionado por Barbosa (2006) que, ainda assim, não é bem aceita e não apresenta resultados análogos em *corpora*. De modo oposto, a sentença (16), uma ocorrência real, apresenta um verbo usado transitivamente, com seu complemento posposto ao adjetivo adverbializado. O que esses exemplos sugerem, portanto, é que a associação entre intransitividade e licenciamento de adjetivos adverbializados (ou entre transitividade e restrição a adjetivos adverbializados) não é categórica. Isso significa que, mesmo que essa correlação seja real, ela deverá atuar em conjunto com outros fatores.

¹¹ Retirado do *Corpus Brasileiro*. Disponível em: <http://www.linguatca.pt/acesso/corpus.php?corpus=CBRAS>. Acesso em 26/10/2015.

5. METODOLOGIA

Este capítulo visa descrever e justificar a metodologia usada no presente estudo. Para tanto, aqui será detalhado o desenho experimental adotado.

5.1. A metodologia experimental

Levando em consideração a variedade metodológica reconhecida na pesquisa linguística, a escolha de um método não deve prescindir de uma reflexão das vantagens e desvantagens de cada abordagem para que, a partir deste balanço, a escolha seja feita de modo crítico. Neste estudo, ainda que o uso de *corpora* tenha tido papel importante, a metodologia central é a experimental. Esta decisão levou em conta fatores como: controle de variáveis, causalidade, evidência negativa, variabilidade do julgamento e incremento de variedade metodológica aos estudos da área.

A possibilidade de controle das variáveis relevantes para o estudo marca uma importante diferença entre a metodologia experimental e a etnográfica (estudo de *corpus*), por conta das generalizações causais que podem ser derivadas. Controlar variáveis mostra-se uma estratégia muito útil neste modelo hipotético-dedutivo, dado que, a partir das hipóteses previamente formuladas, o pesquisador pode evidenciar em seu experimento aquilo que a hipótese prevê que seja relevante para o seu fenômeno e anular ou equivaler todos os outros fatores. Assim como um experimento interessado no efeito do álcool sobre a expectativa de vida deve equivaler fatores como genética, hábitos alimentares, quantidade de exercício e qualidade do sono dos participantes, um estudo interessado em como a estrutura informacional e a frequência de uso influenciam a aceitabilidade de sentenças deve equivaler outros fatores como sintaxe, semântica, fonologia, registro, etc. Neste estudo, as variáveis que hipoteticamente influenciam na aceitabilidade (estrutura informacional e frequência de uso na construção) são consideradas variáveis independentes, ao passo que o grau de aceitabilidade (conferido numericamente) representa a variável dependente.

Outro expediente muito comumente utilizado em pesquisas é o da introspecção. A abordagem introspeccionista, considerada uma rica fonte de *insights* valiosos e ideias inovadoras, consiste na avaliação individual de um falante/pesquisador acerca de certo dado ou fenômeno linguístico. Esta abordagem introspectiva esbarra, no entanto, na variabilidade de intuições. Com o objetivo de anular esta desvantagem, uma alternativa é promover testes de aceitabilidade a serem conduzidos por diferentes falantes, como o que foi conduzido nesta investigação e será descrito em mais detalhes neste capítulo. Ainda se soma a este e aos

fatores mencionados acima o fato de que, numa área de estudo onde a análise de *corpus* é a ferramenta utilizada majoritariamente, o uso de um outro método vem para acrescentar à variedade e à riqueza deste território científico.

5.2. O desenho experimental

Foi desenvolvido para estudo um experimento off-line de julgamento de aceitabilidade, baseado em Escala Likert de cinco pontos. Nas próximas seções, detalhamos, respectivamente: as variáveis independentes e a estrutura dos estímulos, as informações sobre os participantes, o emprego de *corpora* para seleção dos itens presentes nos estímulos, o papel do grupo controle e o tratamento estatístico realizado.

5.2.1. Estímulos

Como já visto no primeiro capítulo deste trabalho, a hipótese que guiou o desenvolvimento do desenho experimental desta pesquisa postula que há, no polo do significado da CCAA, preferência por uma certa estrutura informacional, de modo a projetar o foco informacional exclusivamente sobre a sequência VERBO + ADJETIVO ADVERBIALIZADO. Com o intuito de testar essa hipótese, foram postas em julgamento sentenças que apresentassem duas configurações informacionais diferentes: adjetivos adverbializado com e sem foco exclusivo. Proporcionaram-se, assim duas condições, como exemplificam as sentenças abaixo.

Foco exclusivo	Eu estava apenas <u>pensando alto</u> .
Foco não-exclusivo	A Maria estava <u>pensando alto</u> sobre seus problemas familiares.

Tabela 2 – Exemplo de isolamento da variável “foco informacional” em estímulos

As sentenças acima se opõem justamente pela diferença de estrutura informacional. Se por um lado, na linha correspondente ao foco exclusivo, temos um sentença onde o foco informacional recai exclusivamente sobre a sequência VERBO + ADJETIVO ADVERBIALIZADO, na linha correspondente ao foco não-exclusivo temos a mesma sequência sendo focalizada simultaneamente a um complemento do verbo. A ausência de complemento na sentença da primeira linha permite postular a exclusividade do foco informacional no adjetivo adverbializado, o que não é possível na sentença da segunda linha.

No entanto, há ainda outra variável independente: a frequência de uso dos adjetivos adverbializados na construção. Adicionando os dois níveis desta variável às duas condições já expostas, e combinando todas elas, passamos a ter quatro condições, conforme o quadro abaixo:

	Frequência alta	Frequência baixa
Foco exclusivo	Eu estava apenas <u>pensando alto</u> . (Condição 1)	Não quero comprar nada pronto: a graça é <u>produzir artesanal</u> . (Condição 3)
Foco não-exclusivo	A Maria estava <u>pensando alto</u> sobre seus problemas familiares. (Condição 2)	Aquela rede de bares <u>produz artesanal</u> a sua cerveja. (Condição 4)

Tabela 3 – Exemplos de sentenças por condição

Na tabela acima podemos observar como foram tratadas na prática duas questões fundamentais para um estudo de natureza experimental: controle das variáveis independentes e equivalência de outros fatores na tentativa de anular interferências não previstas. O pareamento de sentenças (uma mesma instanciiação da CCAA era usada em duas sentenças e duas condições diferentes) permitiu que diminuíssemos a influência do fator semântico. Por sua vez, a similaridade da estrutura sintática das orações tentou anular a interferência de qualquer fator no nível da sintaxe. O comprimento das sentenças também foi observado para minimizar problemas de processamento e de leitura, de modo que os estímulos na tela do computador não pudessem ser longos demais – a ponto de não caberem em uma única linha de texto.

Vimos nesta subseção que, ao se definir o desenho experimental, foram levadas em conta questões como variáveis dependentes, condições e controle de fatores externos. Este rigor levou a serem criadas sentenças muito parecidas do ponto de vista lexical, como as da

tabela acima. Era necessário, porém, que essas sentenças não fossem julgadas por um mesmo participante, para que todos continuassem alheios ao que estava sendo de fato testado. Para tanto, lançamos mão de um desenho inter-sujeitos e recorremos ao quadrado latino para a divisão das sentenças.

5.2.2. Divisão inter-sujeitos e quadrado latino

Lançando mão da quantidade considerada mínima de quatro estímulos por condição, cada um dos 20 participantes era exposto a quatro sentenças críticas em cada condição no bloco principal do experimento. Dado que um participante julgaria quatro sentenças na condição 1, ele precisaria julgar, na condição 3, quatro sentenças que fossem lexicalmente distintas. Sendo assim, foram necessárias oito sentenças por condição (cf. anexo 1). A partir daí as sentenças foram distribuídas em um quadrado latino:

	Grupo 1	Grupo 2
Condição 1	1a, 2a, 3a, 4a	5a, 6a, 7a, 8a
Condição 2	5b, 6b, 7b, 8b	1b, 2b, 3b, 4b
Condição 3	9a, 10a, 11a, 12a	13a, 14a, 15a, 16a
Condição 4	13b, 14b, 15b, 16b	9b, 10b, 11b, 12b

Tabela 4 – Quadrado latino e separação de estímulos

Por exemplo:

Grupo 1		Grupo 2	
Condição 1 Sentença 1a	Ele sempre fala bonito.	Condição 1 Sentença 5a	Aquele palestrante estava falando baixo.
Condição 2 Sentença 5b	O professor falou baixo sobre matemática financeira.	Condição 2 Sentença 1b	O Paulinho falou bonito sobre sua história de superação.
Condição 3 Sentença 9a	Em vez de ser agressivo, prefiro criticar sutil.	Condição 3 Sentença 13a	Aquele zagueiro é raçudo, mas sempre marca leal.
Condição 4 Sentença 13b	Nem todos marcaram leal o melhor atacante em atividade no Brasil.	Condição 4 Sentença 9b	O ministro criticou sutil seus funcionários.

Tabela 5 – Exemplos de estímulos por condição e por grupo de participantes

Com este formato, 10 participantes (universitários entre 17 e 28 anos) compuseram o grupo 1 e outros 10 compuseram o grupo 2. Cada um dos participantes usou uma caixa de botões – de uso muito comum em experimentos psicolinguísticos e que visam tornar a tarefa mais intuitiva – para conferir um grau de aceitabilidade entre 1 e 5, conforme o quão natural ou aceitável eles julgassem cada sentença. Para que o objeto do teste não fosse passível de ser inferido, foram adicionados 32 estímulos distratores aos estímulos críticos, resultando em 48 estímulos mostrados em ordem randômica. Cada estímulo permanecia na tela por 4200ms e, logo em seguida, o participante era requisitado a registrar sua nota e passar para o próximo estímulo.

5.2.3. Uso de *corpora*

Apesar do caráter experimental deste trabalho, o uso de *corpora* foi fundamental em seu desenho. Visto que uma das variáveis independentes é a frequência de uso, *corpora* como Nilc/São Carlos (32.461.815 palavras) e Corpus Brasileiro (989.428.240 palavras), que juntos

permitem acessar dados de diversos gêneros, possibilitaram listar a ocorrência de adjetivos adverbializados na construção e incluir na faixa de baixa frequência apenas aqueles que exibiam nenhum ou pouquíssimos resultados e na faixa de alta frequência aqueles que exibiam número de ocorrências na construção relativamente alto. Considerando as limitações que os diversos *corpora* têm, ressaltamos que os integrantes das faixas “alta” e “baixa” podem não ser aqueles adjetivos com maior ou menor número de ocorrências na construção. No entanto, a diferença de ocorrência entre itens destas faixas é mais relevante para nossos propósitos do que a frequência absoluta de ocorrência dos itens.

Sendo *corpora* anotados, estes bancos de dados permitiram buscar as combinações correspondentes à forma da CCAA através de diversos comandos, de modo que a precisão na obtenção dos resultados fosse potencializada. Por exemplo, foi possível verificar a frequência de uso da palavra “rápido” na construção através do comando [pos="V" & lema!="ser|estar|ter|parecer|ficar|permanecer|continuar|sentir-se"] [word="rápido"] (pos="V" & lema!="ser|estar|ter|parecer|ficar|permanecer|continuar|sentir-se") para procurar uma ocorrência de qualquer verbo excetuando-se os incluídos após “lema” seguido do adjetivo em questão). Uma busca com esse comando poderia ser complementada por um busca pelo item apenas em função adverbial ([pos="V.*"] [word="alto" & pos="ADV"]), entre outros.

A partir desses meios foi possível listar os vocábulos adjetivais mais frequentemente usados com função adverbial (bem como alguns dos que não parecem entrar na CCAA) e usá-los para a montagem adequada dos estímulos. Foi possível, por exemplo, certificarmos-nos de que sete entre os oito adjetivos adverbializados considerados inicialmente de baixa frequência não apresentaram ocorrência na construção no *corpus* Nilc/São Carlos – as palavras “leal”, “racional”, “manual”, “artesanal”, “sutil”, “tático” e “oral” (“lindo” apresentou dois resultados na construção). Já dentre os oito adjetivos adverbializados considerados de alta frequência, todos apresentaram mais de 29 ocorrências na construção (“rápido” apresentou 95, “alto” apresentou 66, “forte” apresentou 153, “duro” apresentou 29, “certo” apresentou 1184, “sério” apresentou 42, “fundo” apresentou 29 e “direto” apresentou 94).

5.2.3. Grupo controle

Um grupo de controle formado por 20 participantes foi exposto a oito estímulos que continham advérbios canônicos lexical e morfologicamente relacionados aos de baixa frequência do grupo experimental. Aqui, a modificação verbal canônica era testada em apenas duas condições: com foco exclusivo e sem foco exclusivo. Foram adotados todos os outros procedimentos já vistos no grupo experimental: distratores, desenho inter-sujeitos,

distribuição em quadrado latino, tempo de leitura, resposta em escala Likert (1 a 5). Um exemplo pode ser visto abaixo:

	Grupo 1	Grupo 2
Com foco exclusivo	Não quero comprar nada pronto: a graça é produzir artesanalmente.	O ministro criticou sutil seus funcionários.
Sem foco exclusivo	Em vez de ser agressivo, prefiro criticar sutilmente.	Aquela rede de bares produz artesanalmente a sua cerveja.

Tabela 6 – Exemplos de estímulos por condição e por grupo de participantes no controle

Como mostra a tabela, no grupo controle os estímulos também foram distribuídos de forma que aqueles que eram lexicalmente semelhantes não fossem vistos pelos mesmos participantes.

5.3. Tratamento estatístico

Os estudos linguísticos têm mostrado uma mudança de postura em relação à análise estatística de dados nas últimas décadas (GRIES, 2003). De acordo com Gries, tem-se aumentado a percepção de que o trabalho quantitativo é aliado do trabalho qualitativo e que este sempre precederá e sucederá uma análise quantitativa. O autor argumenta que o tratamento estatístico exerce três funções: descrever, explicar e prever. Em outras palavras, o trabalho quantitativo dá ferramentas para reportar os resultados do modo mais preciso e revelador possível, além de promover explicações baseadas em hipóteses geradas pelo pesquisador e ainda permitir que se preveja o comportamento do fenômeno com dados diferentes.

Dado o caráter nominal da variável dependente desta pesquisa (representada por números durante a execução tarefa pelos participantes apenas para fins práticos), foi usado o teste qui-quadrado, através da ferramenta Action utilizada como extensão do Excel, gerador de planilhas do Microsoft Windows.

Em particular, dois testes qui-quadrado serviram como ferramentas neste trabalho. Um deles foi o qui-quadrado de homogeneidade, que é usado para verificar se há diferença entre duas amostras distintas ou se as duas são homogêneas (isto é, equivalentes); no nosso caso, três testes deste tipo foram feitos. Um deles foi realizado com os dados provenientes das amostras relativas à variável de foco informacional – uma amostra com os graus atribuídos ao

grupo de foco exclusivo e outra com os graus atribuídos ao grupo de foco não-exclusivo. Outro teste do mesmo tipo foi realizado com duas amostras cujas composições se opunham no que diz respeito à frequência de uso na construção: uma amostra continha os graus conferidos aos estímulos com instancias de alta frequência na construção e outra continha os graus conferidos aos estímulos com instancias de baixa frequência na construção. Por fim, um terceiro teste qui-quadrado de homogeneidade foi realizado com os dados do grupo controle: aqui foi avaliada a homogeneidade entre duas amostras com graus dados a sentenças com modificação verbal canônica (em –mente) que se diferenciavam pelo fato de uma amostra ter advérbios com foco exclusivo e a outra não.

Para além do qui-quadrado de homogeneidade, recorreremos ainda ao qui-quadrado de independência. Esse teste foi usado com o objetivo de testar se as duas variáveis aqui consideradas – a frequência e foco informacional – produzem efeitos de forma independente ou se há interação entre elas.

Foi considerado um p-valor de 0,05 para a rejeição da hipótese nula, ou seja, com um valor de significância menor ou igual a 0,05, seria possível concluir que o efeito das variáveis independentes era significativamente influente na aceitabilidade das sentenças.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo será apresentada uma síntese dos resultados obtidos, seguida de uma reflexão acerca das conclusões que eles podem sugerir. Para tanto, revisaremos as previsões derivadas das hipóteses apresentadas anteriormente. Para isso, o capítulo será organizado em cinco seções. As quatro primeiras avaliam, respectivamente, cada uma das quatro previsões derivadas das hipóteses levantadas. A última seção sintetiza e discute os achados da pesquisa.

6.1. Primeira previsão: instâncias da CCAA com foco exclusivo serão significativamente mais bem avaliadas

Tendo postulado a hipótese de que a estrutura informacional atuaria de modo relevante sobre a instância da CCAA, seguindo nosso desenho experimental essa hipótese seria traduzida na previsão de que instâncias da CCAA com foco exclusivo seriam significativamente mais bem avaliadas do que instâncias com foco não-exclusivo. Em outras palavras, se esta previsão estivesse correta, as pessoas participantes do experimento confeririam graus maiores às primeiras e menores às últimas. Os quadros abaixo mostram os graus atribuídos pelos participantes (nas linhas abaixo do código dos estímulos).

BAIXA FREQUÊNCIA											
Foco exclusivo						Foco não-exclusivo					
Estímulo 9A	Estímulo 10A	Estímulo 11A	Estímulo 12A	Total	Média	Estímulo 13B	Estímulo 14B	Estímulo 15B	Estímulo 16B	Total	Média
1	3	2	3	9	2,25	4	3	3	5	15	3,75
3	5	4	5	17	4,25	1	3	3	2	9	2,25
4	5	4	4	17	4,25	1	3	3	2	9	2,25
2	4	3	5	14	3,5	1	3	2	3	9	2,25
4	4	3	4	15	3,75	4	4	5	4	17	4,25
2	5	5	5	17	4,25	2	4	2	3	11	2,75
2	4	2	4	12	3	1	2	1	3	7	1,75
2	4	3	5	14	3,5	1	3	3	2	9	2,25
2	3	4	4	13	3,25	2	4	1	2	9	2,25
5	5	4	5	19	4,75	4	4	4	3	15	3,75

Tabela 6 – Graus (notas) conferidos pelos participantes a cada estímulo crítico de baixa frequência na construção

ALTA FREQUÊNCIA											
Foco exclusivo						Foco não-exclusivo					
Estímulo 5A	Estímulo 6A	Estímulo 7A	Estímulo 8A	Total	Média	Estímulo 1B	Estímulo 2B	Estímulo 3B	Estímulo 4B	Total	Média
5	5	4	5	19	4,75	5	5	5	4	19	4,75
5	5	5	5	20	5	5	4	5	4	18	4,5
5	5	4	5	19	4,75	5	4	5	4	18	4,5
5	5	5	5	20	5	5	4	5	3	17	4,25
5	5	5	5	20	5	5	5	5	5	20	5
5	5	5	5	20	5	5	5	5	5	20	5
5	5	5	5	20	5	4	4	5	4	17	4,25
5	5	5	5	20	5	5	5	4	4	18	4,5
5	5	5	5	20	5	4	3	5	4	16	4
5	5	5	5	20	5	5	5	5	4	19	4,75

Tabela 7 – Graus (notas) conferidos pelos participantes a cada estímulo crítico de alta frequência na construção

Os quadros apontam para uma diferença sensível nas notas geralmente atribuídas aos estímulos. Em ambos os quadros, observamos que a média das notas conferidas aos estímulos com foco exclusivo é quase sempre sensivelmente maior do que as notas conferidas aos estímulos com foco não exclusivo. Vemos na tabela 7, por exemplo, que a quantidade de graus 5 atribuídos ao grupo de foco exclusivo é quatro vezes maior que a atribuída no grupo de foco não-exclusivo. Na tabela 6, em geral foram conferidos graus menores, mas, ainda assim, a diferença entre os grupos permaneceu sensível. Uma outra pista a favor de nossa hipótese pode ser vista na tabela 6, que mostra que o grau 1 – o menor possível – foi conferido várias vezes no grupo de foco não exclusivo e apenas uma vez no grupo de foco exclusivo.

A diferença que aparece visualmente, no entanto, não pode servir como meio de comprovar a hipótese de forma categórica. Por conta disso, os resultados da amostra passaram pelo teste estatístico qui-quadrado de homogeneidade descrito na seção anterior. O resultado do teste é exibido no gráfico abaixo.

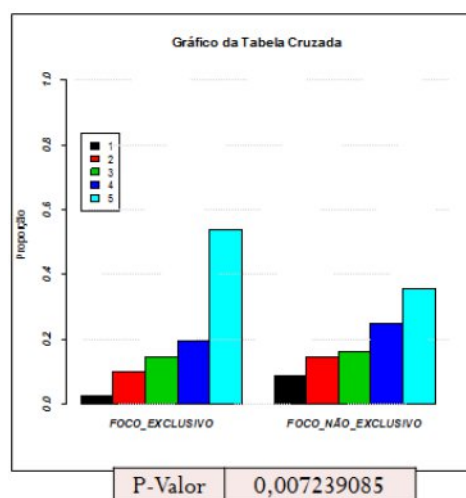


Gráfico 1 – Julgamento de instanciações da CCAA por estrutura informacional

O p-valor menor que 0,05 indica que as duas amostras comparadas no gráfico acima – o conjunto de notas da condição foco exclusivo e o conjunto de notas da condição foco não-exclusivo – não são equivalentes entre si. Isso sugere, portanto, que a configuração informacional da instância da CCAA (tipo de foco) tem influência real sobre sua aceitabilidade. Dito de outra maneira, o tratamento estatístico mostra que a tendência a notas maiores na condição foco exclusivo, observada na análise das tabelas 6 e 7, não é casual, e sim significativa, confirmando, assim, nossa primeira previsão.

6.2. Segunda previsão: não haverá diferença significativa na aceitabilidade de sentenças com modificação verbal em –mente em relação à estrutura informacional

Em relação ao grupo controle, desenvolvido com o intuito de certificar que a restrição relativa à estrutura informacional era característica especificamente da CCAA, a previsão era de que, ainda que a estrutura informacional alternasse, os participantes não confeririam graus significativamente diferentes para os grupo com foco exclusivo e com foco não-exclusivo. Os graus conferidos pelos participantes aparecem na tabela a seguir.

Foco exclusivo						Foco não-exclusivo					
Estímulo 21A	Estímulo 22A	Estímulo 23A	Estímulo 24A	Total	Média	Estímulo 17B	Estímulo 18B	Estímulo 19B	Estímulo 20B	Total	Média
3	5	5	5	18	4,5	5	5	5	5	20	5
5	5	5	5	20	5	5	5	5	5	20	5
5	5	5	5	20	5	5	4	5	5	19	4,75
4	5	5	5	19	4,75	5	5	5	5	20	5
3	5	5	5	18	4,5	5	5	4	5	19	4,75
4	5	5	5	19	4,75	5	5	5	5	20	5
3	5	5	5	18	4,5	4	3	4	4	15	3,75
5	5	4	5	19	4,75	4	5	5	5	19	4,75
4	5	5	5	19	4,75	5	5	5	4	19	4,75
5	5	4	4	18	4,5	5	5	5	5	20	5

Tabela 8 – Graus (notas) conferidos pelos participantes a estímulos do grupo controle

Como observamos na tabela 8, o julgamento dos estímulos variou pouco de modo geral. Conferiram-se notas 5 a uma grande porção das sentenças críticas desse grupo e a variação destas notas não parece ter sido significativa, pelo que indica a tabela. A grande quantidade de julgamentos favoráveis a estas sentenças em ambas as condições parece evidenciar que a produtividade da modificação verbal em –mente não é restringida pela mesma informação de estrutura informacional que a CCAA. O resultado do teste qui-quadrado nos permite fazer tal constatação.

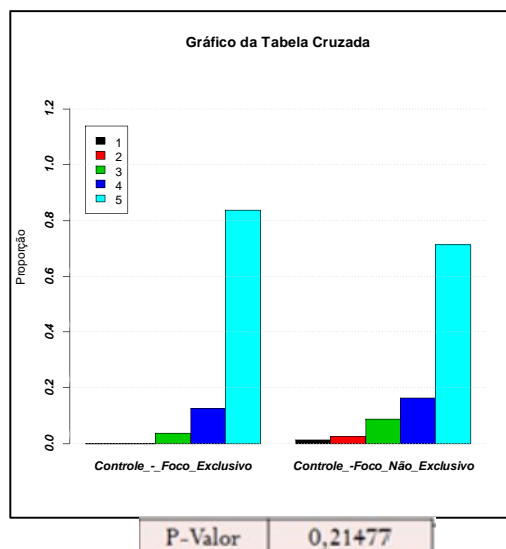


Gráfico 2 – Julgamento de sentenças com advérbio em -mente por estrutura informacional

Neste teste, ao contrário do exibido no gráfico 1, o p-valor acima de 0,05 confirmou a nossa previsão inicial. Essa diferença em relação àquele teste confirma que não há diferença de julgamento entre os grupos. Em outras palavras, as duas amostras comparadas no gráfico 2 – o conjunto de notas da condição foco exclusivo com advérbios canônicos e o conjunto de dados da condição foco não-exclusivo com advérbios canônicos – são tidas como equivalentes.

No nível descritivo, levando em conta a perspectiva construcionista adotada aqui e, por consequência, o tratamento da CCAA como um pareamento convencional de forma e significado, estes resultados caracterizam a exclusividade de foco informacional como parte integrante do polo do significado desta construção. Já em relação à sua produtividade, a estrutura informacional se apresenta como uma limitação potencial à instanciação de adjetivos adverbializados. Os resultados, portanto, indicam que a CCAA, apesar de se mostrar de fato produtiva, tem sua produtividade cerceada pela necessidade de apresentar esta configuração informacional. Podemos declarar que até aqui os resultados indicam que uma instanciação da CCAA será mais bem aceita se a informação focalizada for exclusivamente aquela materializada pela sequência VERBO + ADJETIVO ADVERBIALIZADO.

6.3. Terceira previsão: sentenças com instancicações mais frequentes serão significativamente mais bem avaliadas

À hipótese referente à estrutura informacional soma-se uma outra hipótese, de natureza estatística. Indo ao encontro dos pressupostos da GCBU, que sustenta que a experiência de uso do falante molda seu conhecimento linguístico de forma contínua, foi

levantada neste trabalho a previsão de que os graus conferidos pelos participantes seriam maiores para o grupo de sentenças com instâncias da CCAA de frequência mais alta do que os conferidos para instâncias de frequência mais baixa. As tabelas 6 e 7, apresentadas na seção 6.1, mostram em forma numérica que a diferença entre os grupos de alta e baixa frequência é alta. Enquanto o grau 5 domina a tabela 7, referente às instâncias de alta frequência, na tabela 6 os graus variam muito mais, e o grau 5 é visto poucas vezes. O teste qui-quadrado mostra que essa diferença é significativa, do ponto de vista estatístico.

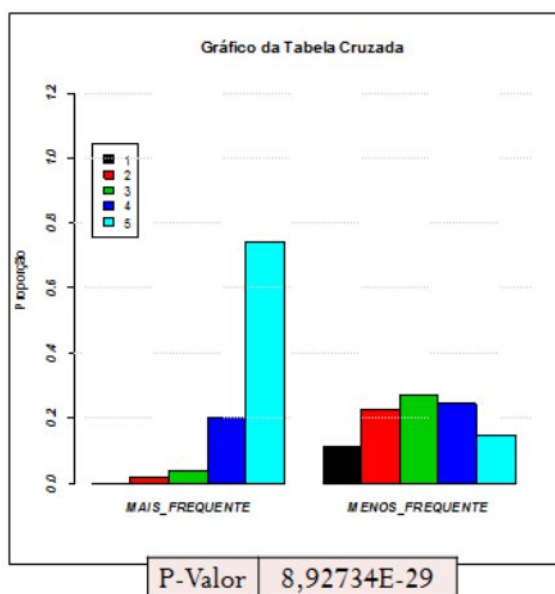


Gráfico 3 – Julgamento de instâncias da CCAA por frequência

O p-valor abaixo de 0,05 (E-29 significa que há 29 casas decimais omitidas) confirma a previsão. Portanto, a aceitabilidade das instâncias da CCAA variou de forma significativa de acordo com a frequência do adjetivo adverbializado na construção, sendo os itens mais frequentes os mais bem aceitos.

6.4. Quarta previsão: a aceitabilidade das instâncias de alta frequência não variará de modo significativo

A quarta e última previsão levantada traduz uma hipótese referente à representação mental da construção. Se confirmada, ela pode fornecer evidência em favor da existência de mais de um nível da construção na gramática do falante, indo mais uma vez ao encontro dos pressupostos da GCBU. Esta previsão antevia que as instâncias da CCAA fossem

igualmente aceitáveis, independente da estrutura informacional que apresentassem – com foco exclusivo ou não – desde que tivessem alta frequência de uso na construção. Para que esta previsão fosse confirmada, os graus expostos na tabela 7 não poderiam ser significativamente distintos (do ponto de vista estatístico). Examinando os graus conferidos, parece haver indícios de que esta previsão seria confirmada: há diversas notas 5 tanto para estímulos de foco exclusivo quanto para estímulos de foco não-exclusivo e, além disso, as médias das notas mantiveram-se sempre acima de 4 para todos os participantes.

Com efeito, o gráfico 4 parece indicar que é possível que a variação da aceitabilidade não seja significativa quando se trata de AAs de alta frequência, ou seja, ainda que a estrutura informacional não seja a mais propícia para a CCAA, a construção pode ser avaliada como bem-formada. Ao mesmo tempo, o cenário parece ser diferente para adjetivos adverbializados de baixa frequência. Com estes, o grau de aceitabilidade exibe uma variação maior, destacando o impacto da estrutura informacional. No entanto, os resultados do teste qui-quadrado de independência apontaram que ainda não é possível, ao menos com esta amostra, confirmar categoricamente a previsão.



Gráfico 4– Interação entre variáveis (frequência na construção e estrutura informacional)

Observando o gráfico 4, temos que, apesar de as barras indicarem que há certa diferença entre os grupos de alta e de baixa frequência, esta diferença visual não é confirmada pelo resultado do teste qui-quadrado – o p-valor é maior que 0,05. Apesar da não confirmação da quarta previsão, as evidências numéricas – os graus atribuídos pelos participantes – apontam para a plausibilidade da previsão. Nesse sentido, é necessário que a amostra seja

ampliada em estudos futuros, a fim de se verificar se a diferença numérica não apresenta, de fato, significância estatística.

6.5. Discussão

Com os resultados obtidos, apesar de podermos concluir que a CCAA é uma construção gramatical parcialmente produtiva e que sua produtividade é limitada pela estrutura informacional, não podemos ignorar algumas barreiras que prevalecem para a total compreensão de sua natureza e de sua (semi)produtividade. Primeiramente, a postulação de diferentes níveis de representação carece de dados que sejam considerados estatisticamente significativos, ainda que os dados obtidos até aqui apontem para a comprovação da hipótese. Conforme já observamos, uma possível solução para este problema é o aumento da amostra, passo a ser dado em estudos subsequentes. Outros fatores que merecem atenção e não foram tratados neste trabalho são (i) a sobreposição entre sintaxe e estrutura informacional; (ii) a forma como a experiência de uso concreto do falante molda o seu conhecimento acerca da construção e (iii) a existência ou não (e, em caso afirmativo, o tipo) de informação semântica na construção e, conseqüentemente, em sua produtividade.

Quanto à sobreposição entre sintaxe e estrutura informacional, testes empíricos que possam contrapor e dissociar a hipótese de Barbosa (2006) da proposta relativa à estrutura informacional testada nesse trabalho podem indicar se a intransitividade dos verbos é necessariamente parte da construção ou se é uma correlação proveniente da estrutura informacional.

Em relação à experiência de uso do falante, os resultados evidenciam que este é um fator relevante na representação mental subjacente à CCAA. É ainda necessário, no entanto, compreender de que modo o uso concreto afeta a representação mental. Uma investigação que se debruce sobre a maneira como as frequências *type* e *token* de fato atuam, além de um estudo que confronte o papel de mecanismos como enraizamento por conservadorismo e bloqueio estatístico (BOYD; GOLDBERG, 2011), viria para complementar os resultados obtidos nesse trabalho.

No que diz respeito à semântica, pode haver algum tipo de relação não testada entre classes semânticas e a CCAA que aumentem a chance de licenciamento de membros dessas classes na construção. Por outro lado, é possível também que o licenciamento dos adjetivos adverbializados ocorra através de analogias item a item, num modelo de Representação por Exemplares (BYBEE, 2013). Uma investigação desta questão aumentará em larga escala a

compreensão acerca da CCAA, da sua produtividade e, para além deste objeto específico, da criatividade linguística sob uma ótica construcionista.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos descrever a CCAA neste trabalho de modo que sua caracterização fosse não só relevante por se tratar de um ponto gramatical ainda obscuro na descrição do PB, mas também pela contribuição que ela pode dar para a compreensão da criatividade linguística sob uma perspectiva construcionista. Verificamos, através deste estudo, que a produtividade da CCAA é influenciada pela estrutura informacional da sentença em que é instanciada e vimos que esta restrição não é compartilhada pela construção canônica de modificação verbal (com advérbios em –mente), ou seja, é característica peculiar da CCAA, devendo ser representada, portanto, em seu polo semântico. Por fim, porém não menos importante, foi possível verificar que a experiência de uso do falante também entra em cena quando a aceitabilidade de instanciações da CCAA é posta em questão, o que configura mais uma evidência em favor de uma arquitetura gramatical tal como supostas numa perspectiva funcional-cognitiva (isto é, baseada no uso).

Quanto à representação subjacente da CCAA, um indicativo apontado pelos resultados, ainda que não confirmado pelos testes estatísticos, sugere um importante encontro entre o que foi mostrado pela construção neste estudo e o que sustentam os postulados da GCBU. Sendo um modelo não econômico de representação, redundante no sentido de armazenar informações que já estariam abarcadas por outras informações já armazenadas, a existência de vários níveis hierárquicos da CCAA – níveis com instanciações mais concretas e esquemas mais abstratos da mesma construção – corrobora a concepção de conhecimento linguístico estruturado em forma de rede de construções ligadas por vários tipos de *links*.

Em adição às contribuições mencionadas acima e tendo em mente a riqueza de métodos reconhecidos na ciência linguística, destacamos o fato de que um estudo com metodologia experimental vem para fornecer uma variedade ainda maior de conhecimentos ao campo da linguística funcional-cognitiva, que é reconhecida por seus estudos tradicionais com uso de *corpora*. Desta forma, este trabalho visou somar ainda mais variedade e riqueza metodológica a esta área de estudo.

Mantendo-se distante da pretensão de esgotar as investigações sobre a complexa CCAA, este trabalho abre portas para outras questões que podem complementar a descrição da construção, bem como ampliar o conhecimento acerca da questão da produtividade construcional. Uma questão relevante parece ser a semântica: há classes semânticas mais bem-vindas à construção? Se sim, quais são elas? Seria a questão semântica, ao invés de um problema de classes, uma questão de licenciamento através de analogias item a item? Quanto

à questão da frequência de uso, qual mecanismo conhecido seria mais útil à CCAA: enraizamento por conservadorismo ou bloqueio estatístico? A investigação destas e de outras questões trará relevantes contribuições para a compreensão da produtividade construcional, em particular, e para a GCBU, de modo geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMBRIDGE, B.; LIEVEN, E. *Child language acquisition: contrasting theoretical approaches*. Cambridge: University Press, 2011.
- _____. A Constructivist account of child language acquisition. In: MACWHINNEY, B.; O'GRADY, W. (Eds). *Handbook of Language Emergence*. Hoboken, NJ: Wiley Blackwell, 2015, p. 478-510.
- AMBRIDGE, B.; ROWLAND, J. M.; PINE, C. F. Semantics versus statistics in the retreat from locative overgeneralizations errors. *Cognition*, 123, 2, 2012, p. 260-279.
- BARBOSA, M. G. *Gramaticalização de advérbios a partir de adjetivos: um estudo sobre os adjetivos adverbializados*. Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2006.
- BARDDAL, J. *Productivity: Evidence from Case and Argument Structure in Icelandic*. Constructional Approaches to Language, v. 8. Amsterdam ; Philadelphia: John Benjamins Pub. Co, 2008.
- BLYTHING, R. P.; AMBRIDGE, B.; LIEVEN, E. Children use statistics and semantics in the retreat from overgeneralization. *PloS ONE*, 9, 10, e110009, 2014
- BOAS, H. Cognitive Construction Grammar. In: HOFFMAN, T.; TROUSDALE, G. (Orgs.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford. New York: Oxford University Press, 2013, p. 15-31.
- BOYD, J. K.; GOLDBERG, A. E. *Learning what not to say: The role of statistical preemption and categorization in a-adjective production*. *Language* vol. 87 nº1, p. 1-29, 2011.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: University Press, 2010.
- _____. Usage-based theory and exemplar representations of constructions. In: HOFFMAN, Thomas; TROUSDALE, Graeme (Eds). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford / New York: Oxford University Press, 2013. p. 50-69.
- CARMO, C. B. S. A configuração da rede de construções agentivas denominais x-ista. In: MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. M. (Orgs.). *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p. 202-228.
- CHOMSKY, N. *Syntactic structures*. London: Mouton and Company, 1957.
- CROFT, W. *Radical Construction Grammar*. Oxford, Oxford University Press, 2001.
- _____. Radical Construction Grammar. In: HOFFMAN, T.; TROUSDALE, G. (Orgs.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford. New York: Oxford University Press, 2013, p. 211-232.
- _____; CRUSE, D. A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University, 2004.
- DIESEL, H. Usage-based Construction Grammar. In: DABROWSKA, E.; DAGMAR, D. (Eds.). *Handbook of Cognitive Linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 295-321.
- EVANS, V.; GREEN, M. *Cognitive Linguistics: An Introduction*. Edinburgh: Edinburgh Univ. Press, 2006.
- FILLMORE, C. Berkeley Construction Grammar. In: HOFFMAN, T.; TROUSDALE, G. (Orgs.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford. New York: Oxford University Press, 2013, p. 111-132.
- _____; KAY, P.; O'CONNOR, C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of *let alone*. *Language*, 63, 3, 1988, p. 501-538.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University Press, 1995.
- _____. *Constructions: a new theoretical approach to language*. *Trends in Cognitive sciences*, v. 7, n. 5, 2003, p. 219-224.
- _____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Cambridge: University Press, 2006.

- _____. Constructionist approaches. In: HOFFMAN, T.; TROUSDALE, G. (Orgs.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford. New York: Oxford University Press, 2013, p. 15-31.
- GRIES, S. T. *Statistics for linguistics with R: a practical introduction*. 2nd revised edition. Berlin: De Gruyter Mouton, 2013.
- HUMMEL, M. A conversão do adjetivo em advérbio em perspectiva sincrônica e diacrônica. *Confluência*, n. 25/26, 2003, p. 175-192.
- LAMBRECHT, K. *Information structure and sentence form: topic, focus and the mental representation of referents*. Cambridge: University Press, 1994.
- LANGACKER. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Stanford: University Press, 1987.
- _____. *Foundations of cognitive grammar: descriptive application*. Stanford: University Press, 1991.
- LOBATO, L. M. P. Sobre o suposto uso adverbial de adjetivo: a questão categorial e as questões da variação e da mudança linguística. In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. (Orgs.). *Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, p. 219-241.
- SANTOS, A. M. T. A rede de construções agentivas deverbais x-nte. In: MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. M. (Orgs.). *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p. 229-259.
- SUTTLE, L.; GOLDBERG, A. E. The partial productivity of constructions as induction. *Linguistics*, 49-6, 2011, p. 1237-1269.
- ZESCHEL, A. Exemplars and analogy: semantic extensions in constructional networks. In: GLYNN, D.; FISCHER, K (Eds.). *Quantitative methods in cognitive semantics: corpus-driven approaches*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2010, p. 201-222.

APÊNDICE

1. Graus conferidos por cada um dos sujeitos experimentais a cada um dos estímulos de alta frequência na construção no grupo experimental

ALTA FREQUÊNCIA												
	Foco exclusivo						Foco não-exclusivo					
	Estímulo 1A	Estímulo 2A	Estímulo 3A	Estímulo 4A	Total	Média	Estímulo 5B	Estímulo 6B	Estímulo 7B	Estímulo 8B	Total	Média
SUJEITO 1	5	5	5	4	19	4,75	5	5	4	5	19	4,75
SUJEITO 2	5	5	5	4	19	4,75	5	5	4	5	19	4,75
SUJEITO 3	5	5	5	3	18	4,5	4	5	4	4	17	4,25
SUJEITO 4	5	5	5	5	20	5	5	5	5	5	20	5
SUJEITO 5	5	5	5	5	20	5	4	5	2	3	14	3,5
SUJEITO 6	5	5	5	3	18	4,5	4	5	3	5	17	4,25
SUJEITO 7	5	5	5	4	19	4,75	5	5	4	5	19	4,75
SUJEITO 8	5	5	4	4	18	4,5	2	5	4	2	13	3,25
SUJEITO 9	5	5	5	5	20	5	5	5	5	5	20	5
SUJEITO 10	5	5	4	4	18	4,5	5	5	5	5	20	5
	Estímulo 5A	Estímulo 6A	Estímulo 7A	Estímulo 8A	Total	Média	Estímulo 1B	Estímulo 2B	Estímulo 3B	Estímulo 4B	Total	Média
SUJEITO 11	5	5	4	5	19	4,75	5	5	5	4	19	4,75
SUJEITO 12	5	5	5	5	20	5	5	4	5	4	18	4,5
SUJEITO 13	5	5	4	5	19	4,75	5	4	5	4	18	4,5
SUJEITO 14	5	5	5	5	20	5	5	4	5	3	17	4,25
SUJEITO 15	5	5	5	5	20	5	5	5	5	5	20	5
SUJEITO 16	5	5	5	5	20	5	5	5	5	5	20	5
SUJEITO 17	5	5	5	5	20	5	4	4	5	4	17	4,25
SUJEITO 18	5	5	5	5	20	5	5	5	4	4	18	4,5
SUJEITO 19	5	5	5	5	20	5	4	3	5	4	16	4
SUJEITO 20	5	5	5	5	20	5	5	5	5	4	19	4,75
Total AF / FE					387	19,35	Total AF / FnE					360
												18

2. Graus conferidos por cada um dos sujeitos experimentais a cada um dos estímulos de baixa frequência na construção no grupo experimental

BAIXA FREQUÊNCIA												
	Foco exclusivo						Foco não-exclusivo					
	Estímulo 13A	Estímulo 14A	Estímulo 15A	Estímulo 16A	Total	Média	Estímulo 9B	Estímulo 10B	Estímulo 11B	Estímulo 12B	Total	Média
SUJEITO 1	4	4	5	4	17	4,25	3	5	4	2	14	3,5
SUJEITO 2	3	2	3	3	11	2,75	4	2	3	1	10	2,5
SUJEITO 3	5	3	3	2	13	3,25	2	4	5	2	13	3,25
SUJEITO 4	1	3	3	4	11	2,75	4	4	2	4	14	3,5
SUJEITO 5	1	2	2	2	7	1,75	1	3	1	1	6	1,5
SUJEITO 6	1	4	4	3	12	3	3	2	3	1	9	2,25
SUJEITO 7	5	3	5	3	16	4	4	3	3	2	12	3
SUJEITO 8	3	3	2	2	10	2,5	2	2	2	2	8	2
SUJEITO 9	4	4	5	3	16	4	3	4	5	5	17	4,25
SUJEITO 10	3	2	5	2	12	3	1	5	3	1	10	2,5
	Estímulo 9A	Estímulo 10A	Estímulo 11A	Estímulo 12A	Total	Média	Estímulo 13B	Estímulo 14B	Estímulo 15B	Estímulo 16B	Total	Média
SUJEITO 11	1	3	2	3	9	2,25	4	3	3	5	15	3,75
SUJEITO 12	3	5	4	5	17	4,25	1	3	3	2	9	2,25
SUJEITO 13	4	5	4	4	17	4,25	1	3	3	2	9	2,25
SUJEITO 14	2	4	3	5	14	3,5	1	3	2	3	9	2,25
SUJEITO 15	4	4	3	4	15	3,75	4	4	5	4	17	4,25
SUJEITO 16	2	5	5	5	17	4,25	2	4	2	3	11	2,75
SUJEITO 17	2	4	2	4	12	3	1	2	1	3	7	1,75
SUJEITO 18	2	4	3	5	14	3,5	1	3	3	2	9	2,25
SUJEITO 19	2	3	4	4	13	3,25	2	4	1	2	9	2,25
SUJEITO 20	5	5	4	5	19	4,75	4	4	4	3	15	3,75
Total BF / FE					272	13,6	Total BF / FnE					223
												11,15

3. Combinações de verbo e adjetivo adverbializado do grupo experimental (script A)

	ALTA FREQUÊNCIA		BAIXA FREQUÊNCIA	
	Código	Combinação	Código	Combinação
Foco exclusivo 1	1a	falar certo	13a	marcar leal
Foco exclusivo 2	2a	pensar alto	14a	pensar racional
Foco exclusivo 3	3a	pensar rápido	15a	contar manual
Foco exclusivo 4	4a	tocar fundo	16a	produzir artesanal
Foco não-exclusivo 1	5b	chutar forte	9b	criticar sutil
Foco não-exclusivo 2	6b	seguir direto	10b	discursar lindo
Foco não-exclusivo 3	7b	treinar duro	11b	jogar tático
Foco não-exclusivo 4	8b	conversar sério	12b	apresentar oral

4. Combinações de verbo e adjetivo adverbializado do grupo experimental (script B)

	ALTA FREQUÊNCIA		BAIXA FREQUÊNCIA	
	Código	Combinação	Código	Combinação
Foco exclusivo 1	5a	chutar forte	9a	criticar sutil
Foco exclusivo 2	6a	seguir direto	10a	discursar lindo
Foco exclusivo 3	7a	treinar duro	11a	jogar tático
Foco exclusivo 4	8a	conversar sério	12a	apresentar oral
Foco não-exclusivo 1	1b	falar certo	13b	marcar leal
Foco não-exclusivo 2	2b	pensar alto	14b	pensar racional
Foco não-exclusivo 3	3b	pensar rápido	15b	contar manual
Foco não-exclusivo 4	4b	tocar fundo	16b	produzir artesanal

5. Graus conferidos por cada um dos sujeitos experimentais a cada um dos estímulos de foco exclusivo do grupo controle

	Foco exclusivo					
	Estímulo 17A	Estímulo 18A	Estímulo 19A	Estímulo 20A	Total	Média
SUJEITO 1	5	5	5	4	19	4,75
SUJEITO 2	5	5	4	5	19	4,75
SUJEITO 3	5	5	5	5	20	5
SUJEITO 4	5	5	5	5	20	5
SUJEITO 5	4	5	5	5	19	4,75
SUJEITO 6	5	5	5	5	20	5
SUJEITO 7	5	5	5	5	20	5
SUJEITO 8	5	5	5	5	20	5
SUJEITO 9	5	5	5	5	20	5
SUJEITO 10	5	5	5	4	19	4,75

6. Graus conferidos por cada um dos sujeitos experimentais a cada um dos estímulos de foco não-exclusivo do grupo controle

	Foco não-exclusivo					
	Estímulo 21B	Estímulo 22B	Estímulo 23B	Estímulo 24B	Total	Média
SUJEITO 1	4	4	3	3	14	3,5
SUJEITO 2	2	5	1	5	13	3,25
SUJEITO 3	5	5	5	5	20	5
SUJEITO 4	2	5	5	5	17	4,25
SUJEITO 5	4	5	5	5	19	4,75
SUJEITO 6	3	5	5	5	18	4,5
SUJEITO 7	3	5	5	5	18	4,5
SUJEITO 8	3	5	5	5	18	4,5
SUJEITO 9	5	5	3	5	18	4,5
SUJEITO 10	4	4	4	5	17	4,25

7. Combinações de verbo e advérbio em -mente do grupo controle

	SCRIPT A		SCRIPT B	
	Código	Combinação	Código	Combinação
Foco exclusivo 1	17a	criticar sutilmente	21a	marcar lealmente
Foco exclusivo 2	18a	discursar lindamente	22a	pensar racionalmente
Foco exclusivo 3	19a	jogar taticamente	23a	contar manualmente
Foco exclusivo 4	20a	apresentar oralmente	24a	produzir artesanalmente
Foco não-exclusivo 1	21b	marcar lealmente	17b	criticar sutilmente
Foco não-exclusivo 2	22b	pensar racionalmente	18b	discursar lindamente
Foco não-exclusivo 3	23b	contar manualmente	19b	jogar taticamente
Foco não-exclusivo 4	24b	produzir artesanalmente	20b	apresentar oralmente

FICHA DE AVALIAÇÃO

VICTOR TADEU ANTAS VIRGINIO

DRE: 111203426

INVESTIGANDO A SEMIPRODUTIVIDADE CONSTRUCIONAL:
o caso da Construção Circunstancial de Adjetivo Adverbializado do português brasileiro

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do título
de Bacharel em Letras na habilitação
Português/Inglês.

Data de avaliação: ____/____/____

Banca Examinadora:

Diogo Oliveira Ramires Pinheiro
Professor Doutor - UFRJ

NOTA: _____

Mauro José Rocha do Nascimento
Professor Doutor - UFRJ

NOTA: _____

MÉDIA: _____

Assinaturas dos avaliadores: _____
